

ARATU IATE CLUBE -Um pouco de história

Everton Fróes ()*

Falar das origens do Aratu Iate Clube não é uma tarefa das mais fáceis. Muitos registros se perderam ao longo dos anos, restando apenas o relato de alguns associados, a exemplo de Raimundo Ramos, Afrânio Abreu, Max Machado e umas anotações fruto de conversas com os companheiros Hernandes e Menandro da Rin, ambos de saudosa memória.

Segundo os relatos, no começo a coisa não foi nada fácil e remonta ao início dos anos 60, quando Wandick Mendonça, um corajoso empreendedor, resolveu fazer um clube lá pelos confins da Baía de Aratu, até então quase desconhecida. Vendo o caminho que as coisas tomavam, um grupo de entusiastas, após engendrar uma série de geniais “manobras”, tomou a si a administração da entidade, tendo à frente os abnegados Ângelo Decânio, Hernandes Santos e Gildo Ferreira, que contavam com o apoio da Brasilgás, através de seu Supervisor Giorgi Tozoratti, que não media esforços para transportar materiais, entulho, etc., aproveitando, é claro, das delícias proporcionadas pela paisagem do local e das facilidades da entidade que nascia. Assim, em outubro de 1961, nascia oficialmente o Aratu Iate Clube.

Contando, a coisa parece piada, mas é verdade. Os galpões, que são uma verdadeira marca registrada do Clube, são oriundos de uma feira que acontecia em Salvador - a FEBINCO - Feira Baiana de Indústria e Comércio. Para fazer o transporte de toda aquela estrutura de pesada madeira, ainda que desmontada, o trabalho foi p´ra valer e realizado em duas etapas. Na primeira foi utilizado o trem, que sai da estação da Calçada indo até o “Ponto de Parada”, hoje denominado Ilha de São João. Daquela “parada” até o AIC, só teve um jeito – usar uma canga de bois. Isso mesmo: BOIS! E sabe quem foi o carreteiro responsável pra tocar a canga? Nada menos do que Menandro da Rin, na época funcionário da Rede Ferroviária Federal Leste Brasileiro.

Outra preocupação, eram as finanças da entidade. Para manter em dia as obrigações, Hernandes implantou um “Livro de Ouro”. Fazendo ponto aos sábados na Casa Gilfer, (do associado Gildo Ferreira), no comércio, Hernandes “mordia” uns e outros para que assinassem o tal livro e assim resultasse em valiosa colaboração para manter vivo o AIC. Nisso tudo, havia uma “vítima” certa, que nunca conseguia escapar da “facada” - Afrânio, que na condição de subordinado de Hernandez na Petrobras, era “aconselhado” pelo chefe a contribuir, sob pena da adoção de medidas “mais convincentes”. No final de tudo, vinha a prestação de contas, feita de maneira artesanal, com os pacotinhos de dinheiro devidamente rotulados, com suas respectivas destinações.

Na época, a quantidade de barcos não superava a casa das vinte unidades, na sua maioria constituída de saveiros, havendo uns outros tipos como Snipe, Lighting ou Star, todos de madeira, naturalmente. As lanchas eram duas ou três apenas. Para se ter uma idéia de como as coisas aconteciam naquela época, nada melhor do que um interessante relato feito pelo companheiro Raimundo Ramos:

“Havia no Clube, um cidadão conhecido pelo seu temperamento explosivo, de nome Lazlo Varga. Uma certa feita, numa regata com destino a Maragojipe, emborcou a sua embarcação, um “Olympikus”. Vendo o amigo naquela situação, ainda mais em companhia da esposa, Raimundo Ramos aproou o barco em sua direção e foi prestar-lhe o auxílio que julgava importante naquelas circunstâncias. Ao chegar junto à embarcação virada, já com um providencial balde na mão, ouviu um veemente grito, proferido a plenos pulmões:

- Afaste-se! Ainda estou competindo...E leve seu balde de volta!”

Ao companheiro Raimundo só restou dar meia volta e sair dali o quanto antes!

Bons tempos aqueles!

(*) Velejador, membro da Diretoria e Conselheiro do Aratu Iate Clube durante várias décadas.